

AUTORES DE
GUIAS DE VIAGEM
VÃO PARA O
INFERNO?



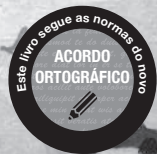
AUTORES DE



GUIAS DE VIAGEM

Thomas Kohnstamm VÃO PARA O

INFERNO?



PANDA BOOKS

© 2008 Thomas Kohnstamm

Esta edição foi publicada com a autorização de Three Rivers Press, New York.

Todos os direitos reservados.

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Coordenadora editorial

Tatiana Fulas

Assistente editorial

Juliana Amato

Assistente de arte

Fernanda Pedroni

Estagiária

Juliana Paula de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Divina Rocha Corte

Natália L. B. Ferrari

Capa

Sérgio Campante

Preparação

Alessandra Miranda de Sá

Revisão

Alexandra Fonseca

Andressa Paiva

Impressão

Assahi Gráfica e editora

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K85a

Kohnstamm, Thomas B.

Os autores de guias de viagem vão para o inferno? – Um relato sarcástico que envolve grandes aventuras, éticas questionáveis e hedonismo profissional / Thomas B. Kohnstamm; tradução Leonardo Antunes. – São Paulo: Panda Books, 2010. 317 pp.

Tradução de: Do Travel Writers Go To Hell? – A Swashbuckling Tale of High Adventures, Questionable Ethics & Professional Hedonism

ISBN: 978-85-7888-052-1

1. Kohnstamm, Thomas B. – Viagens. 2. Escritores de viajantes americanos. I. Título.

09-3681.

CDD: 910.4

CDU: 910.4

2010

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Para meu amor, Tábata Silva

NOTA DO AUTOR

Por bem ou por mal, este livro reconta experiências verdadeiras. Para destilar o caos da vida em uma narrativa clara, foi necessário omitir certos eventos, combinar alguns personagens, bem como reorganizar e comprimir a cronologia. Troquei a maioria dos nomes e detalhes que pudessem identificar os personagens aqui presentes a fim de proteger a privacidade individual. Grande parte dos diálogos e muitos dos e-mails trocados foram recriados, mas todos baseiam-se em conversas e correspondências reais.

SUMÁRIO

Antes de partir	13
1 Um na mão, dois voando	17
2 Turbulência	38
3 Desvio de rota	66
4 De acordo com o plano	94
5 Um dia na vida	134
6 A trilha dos gringos	153
7 Rodovia baixa	179
8 Autores descartáveis	208
9 Contravenção	232
10 Emprego dos sonhos	257
11 Férias pagas	288
12 Porta de entrada	299
Ansiedade pelos resultados	314

Vi muitas coisas confusas
para serem aceitas pela minha mente.
Conheci muito,
e não o suficiente.

Louis-Ferdinand Céline
Viagem ao fim da noite

Parece maluquice? Bem... não é.
O fim justifica os meios; assim é o sistema.

Ice-T
New Jack Hustler

A vida é tão misteriosa
quanto vulgar.

Roberto Bolaño
Últimas noites na Terra

Nordeste do Brasil



ANTES DE PARTIR



Meu nome é Thomas. Pelo que me recordo, viajar sempre fez parte de minha vida.

Ao longo dos anos, tentei combater a influência que isso teve sobre mim. Busquei inúmeras estratégias que me ajudassem a retornar à vida civilizada: arrumar um emprego, abrir uma conta bancária e investir tempo ou sentimento, ou mesmo dinheiro, em algo estável – mas a estrada sempre me atraía. Nunca tive carro nem televisão; sequer comprei algum móvel significativo.

Em certo momento, reconheci que não tinha poder algum sobre o meu vício em viagens e fiz a melhor coisa que poderia fazer sob tais circunstâncias: tornei-me um profissional.

Este livro fala sobre essa mudança. Ele relata os eventos que transformaram um burguês com hábito reprimido de viajar em um mercenário escritor de viagens em tempo integral, com tudo de bom, ruim e surreal que o fato possa acarretar. Não é um olhar otimista sobre o emprego dos sonhos, mas uma investiga-

ção a respeito da realidade de um autor de guias de viagem profissional em busca de alguns trocados no início do século XXI. É o retrato verdadeiro da vida que tenho levado e da influência que ela exerce sobre as informações turísticas que chegam às mãos do leitor.

Vamos deixar algo claro desde o início: não sou um deprimido ressentido que está tentando se vingar ou insultar aqueles que não o contratariam. Eu já (quase) me sustento com o que recebo como autor de guias de viagem e cultivei bons relacionamentos profissionais com inúmeros editores. Já escrevi guias de países, guias de estados, guias de cidades, livros de frases para turistas, conteúdo sobre viagens para a internet, artigos de viagem, e matérias para jornais e revistas. Fiz trabalhos publicitários, entrevistas e palestras para editores de guias turísticos. Arrumei mais malas nos últimos anos de minha vida do que qualquer outro profissional poderia imaginar. Fiquei semanas em iates sem pagar; avaliei quartos de hotel, refeições, pistas de esqui, aulas de *paragliding* e passeios de mergulho. Já bebi uísque e comi *carpaccio* de salmão com os ministros do Turismo da Argentina, do Chile e do Brasil, e passei noites com damas mais exóticas e atraentes do que um sujeito comum merece. Também fiz amigos extraordinários, alguns dos quais você encontrará nas páginas a seguir.

Contudo, este livro não é uma avaliação bem-educada sobre esse tipo de emprego e provavelmente não me ajudará em nada no meio profissional. Imagino que histórias sobre sexo, drogas, vexames, fraudes, troca de socos, decadência alcoólica, discussões com a polícia e egoísmo niilista por certo não seriam bem-aceitas por aqueles que me contratam. E, ainda que esteja indo um pouco além da maioria dos autores de livros sobre viagem, conheço muitos outros que passaram pelos mesmos testes e dilemas. Todos nós passamos. Mas até agora, ninguém deu voz aos corajosos mineradores de informações sobre viagens, aqueles

que cavam o material que depois será polido e vendido aos leitores como evangelho turístico. Ninguém nunca falou sobre os desajustados lá fora com anos de noites hospedadas em albergues sombrios, arrastando-se pelas calçadas, de bares para restaurantes e danceterias, fazendo o seu melhor para ser, ou tentar ser, *expert* em tudo o que acontece ao seu redor. Também aprendi com minha experiência que os editores, nossos colegas de trabalho mais próximos, não sabem exatamente como fazemos o que fazemos. Talvez não queiram saber.

Este livro não foi planejado para se tornar um escândalo nem para desencorajar a compra ou a utilização de guias de viagem. Eu mesmo quase sempre levo um guia comigo quando viajo, e ele invariavelmente me ajuda de alguma maneira que faz jus a seu preço e peso na mala. É meu desejo que estas páginas ajudem a desmistificar as origens dos artigos sobre viagens e mostrem que, enquanto milhares de viajantes seguem cada palavra, cada recomendação de um guia, tal atitude não apenas prejudica as viagens internacionais contemporâneas como ainda pode trazer sérios prejuízos a lugares de países em desenvolvimento. Se as pessoas soubessem a quantidade de porcaria arbitrária que entra na realização de um guia de viagem, talvez percebessem que esse tipo de livro é apenas uma ferramenta com informações básicas, e não necessariamente a maneira mais correta para chegar a um destino.

Escrever sobre viagens tem seus problemas, como qualquer outro emprego. E também pode ser particularmente desorientador, uma vez que você terá de trabalhar em um ambiente turístico construído para o prazer. É preciso encontrar um modo de se tornar eficaz nesse limbo entre trabalho e diversão. Imagino que a diferença entre viajar e escrever profissionalmente sobre viagens é igual à diferença entre transar e trabalhar com pornografia. Embora seja provável que ambos continuem sendo divertidos, tornar-se um profissional traz vários níveis de com-

plicação para o seu interesse original e termina por consumir sua vida pessoal.

Nós, que escrevemos sobre viagens, vivemos em movimento constante. As relações são transitórias e passageiras. As amizades, mais ainda. Sua casa é onde você está naquela noite. É uma rotina ao mesmo tempo glamorosa, patética, excitante e perversa. Quanto mais você a vive, mais difícil é retornar para a vida normal, e um dia você acorda e se dá conta de que a estrada é o seu endereço permanente. Não há retorno. Essa é a vida que tenho levado, e este livro fala sobre o início dessa história.

Deixo a pergunta para você: autores de guias de viagem vão para o inferno? Os projetos e os prazos impossíveis com os quais nos comprometemos e as terríveis condições de vida que enfrentamos parecem insuportáveis? Nossas ações, em geral corruptas e egoístas diante de um leitor confiante, nos condenarão à danação eterna?

Talvez você encontre algumas respostas nestas páginas. Se encontrar, espero que julgue por si mesmo.

Seattle,
agosto de 2007.

1

UM NA MÃO, DOIS VOANDO



Roeb ling.

Roe-bliiiiing.

Rrrrrroe-bling.

Sozinho na sala de conferências do 57º andar, repito o mantra de acordo com a minha respiração. Estou sentado em uma rígida posição de lótus sobre uma mesa de vidro e observo os cabos suspensos da Brooklyn Bridge tremularem contra o céu. O ar do escritório está ácido graças a um desinfetante. Tomo um gole de rum e retorno ao meu mantra.

John Roebling recebeu um chamado. Para o seu azar, após a divulgação, o planejamento, a preparação e a politicagem para a construção da Brooklyn Bridge, o desgraçado logo caiu morto. Seu filho, Washington, concluiu a ponte, mas não sem antes sofrer com uma descompressão e quase morrer no processo. Nenhum dos dois homens hesitou em ter uma vida de dedicação, determinação e cuidado.

Parece ter valido a pena para ambos.

Retiro meus sapatos de couro surrado; os dedos dos pés estão manchados de cinza pelo sal das calçadas úmidas da cidade, e massajeio o meu pé esquerdo dentro da meia suada. Centenas de pares de faróis movem-se em fileiras de cá para lá ao longo da ponte.

Ontem, durante uma reunião nesta mesma sala de conferências, um banqueiro quase sem pescoço, com cicatrizes de varíola, ressaltou que os males causados pela descompressão foram, de fato, descobertos durante a construção da Brooklyn Bridge. Centenas de operários trabalharam arduamente nas fundações da ponte, a aproximadamente 25 metros abaixo da superfície do rio. Trabalhavam em caixas de madeira de 2,5 metros de altura que eram bombeadas com ar comprimido e depois levadas às profundezas com os homens dentro. Após retornarem à superfície, diversos trabalhadores sofriam de uma misteriosa doença. Dor forte nas juntas. Deterioração mental. Paralisia. E, para alguns, uma morte agonizante.

Somente após oito anos do início da construção da ponte um médico francês determinou a causa daquela enfermidade. Ao contrário do que se acreditava, o oxigênio é um componente menor no ar que respiramos. Setenta e oito por cento do ar é composto de nitrogênio, que, sob circunstâncias normais, não provoca nenhum malefício ao corpo humano. Ao se respirar o ar em grandes profundidades, no entanto, a pressão da água converte o nitrogênio gasoso presente na corrente sanguínea em líquido, espalhando-o através das veias e artérias. Assim, desde que a pessoa retorne lentamente à superfície, o líquido gradualmente volta a ser gás e é liberado pelo corpo.

Se a mudança de pressão for muito brusca, o líquido se transforma repentinamente, efervescendo ao se tornar gás. De maneira semelhante às milhares de bolhinhas que são liberadas quando se abre uma latinha de refrigerante, as bolhas precipi-

tam-se através da corrente sanguínea. Caso não fiquem alojadas nas juntas, tomam o caminho fatídico do coração. Por isso, se subir muito rápido para a superfície, a pessoa morre.

Retirei um pedaço dobrado de papel de impressora do meu bolso e o abri suavemente:

Thomas,

Quero saber se você gostaria de escrever para o nosso novo guia sobre o Brasil.

Se estiver interessado em zarpar nas próximas semanas para lá, me avise imediatamente que eu posso te fazer uma proposta.

Editor em serviço – América do Sul e Antártida
Lonely Planet

Em outra época – talvez logo que saí da escola –, essa oportunidade teria sido o emprego dos sonhos. Ainda é sedutora, porém, mais comparável a uma noitada barata. Agora, minha vida é satisfatória de outras maneiras. Tenho um emprego fixo, um salário decente, uma linda namorada e um apartamento em Manhattan. Finalmente consegui tudo o que deveria ter. Além disso, depois do 11 de Setembro, da Sars (síndrome respiratória aguda grave), de Iraque, Bali e Madri, esta não parece ser uma boa hora para me jogar de cabeça em um trabalho para escrever sobre viagens. Mas não posso mentir: sempre tive uma queda por noitadas baratas.

Deus sabe; posso sentir meu corpo flutuar rapidamente.



Para a maioria das pessoas, 24 de novembro não é um dia especial. É claro que é a data em que, todos os anos, comemora-se

o Dia de Ação de Graças, mas eu poderia me preocupar menos com isso. Em Seattle, onde poucas coisas incomuns costumam acontecer e as pessoas lutam, não raro de maneira patológica, para manter uma aparência de tranquilidade, essa data possui um significado diferente.

Em 24 de novembro de 1971, um homem calvo de meia-idade pegou um voo de Portland para Seattle. Ele usava o nome Dan Cooper. Vestia um terno preto, um sobretudo preto, óculos escuros e uma gravata preta estreita com um alfinete de pérola. Cooper sequestrou o Boeing 727 tendo em mãos uma maleta repleta de arames e cilindros vermelhos brilhantes. Os reféns foram trocados por quatro paraquedas e 200 mil dólares no aeroporto Sea-Tac (para dar a dimensão exata, o preço médio de uma casa nova nos Estados Unidos em 1971 girava em torno de 28 mil dólares).

DB Cooper, como a imprensa equivocadamente passou a chamá-lo, exigiu que o avião voasse para o México. Ele saltou de paraquedas da aeronave, em algum local no sul do estado de Washington, e desapareceu. Talvez DB tenha morrido no salto. Talvez tenha fugido com o dinheiro. Ninguém sabe. Mas a lenda conta que DB era um homem tão desencantado com a vida que perdeu todo o dinheiro em apostas. A questão não é se ele realmente fez isso ou não. A questão é que esse pequeno homem careca não gastou nem mais um dia bombeando gasolina em Tallahassee ou administrando reclamações em Denver. Ele não perdeu nem mais um dia se perguntando: “E se?”.

Nomeio Cooper o santo patrono dos homens desiludidos, particularmente os que, como eu, nasceram em Seattle em 24 de novembro.

